

Depois do ataque, as explicações

ESP-6.2.77

ELIANA LUCENA
Enviado especial

Um difícil diálogo entre os dois chefes indígenas Txucarramãe, Kremuro e Krumari — que lideraram um ataque à Fazenda Agropexim, no Xingu, matando dois funcionários e queimando suas instalações —, e a Funai será mantido amanhã, em Brasília. Os índios não querem que a fazenda seja implantada na área, localizada a 50 quilômetros da aldeia, argumentando que aquelas terras pertencem ao grupo o que, no entanto, não pode ter comprovação judicial, pois a agropecuária de propriedade do paulista Ramaz Risk está localizada fora do limite norte do Parque Nacional do Xingu.

Esta semana o sertanista Sidney Possuelo, que durante 14 anos trabalhou com os irmãos Villas Boas, foi destacado pelo presidente da Funai para ir até a aldeia dos Txucarramãe, com a missão de convencê-los a desinterditar a fazenda e inspecionar a sede destruída. O primeiro objetivo da viagem não chegou a ser atingido. Diante da firme disposição dos índios de não permitirem o prosseguimento dos trabalhos na fazenda e da posição do diretor do parque, Olimpio Serra, que acha desaconselhável o reinício das atividades da Agropexim, por enquanto, Sidney Possuelo optou por trazer os dois chefes a Brasília, onde eles se avistaram como presidente da Funai, o general Ismarth de Araujo Oliveira e com o dono da fazenda. O sertanista foi recebido na segunda-feira na aldeia dos Txucarramãe com discursos e saudações dos chefes, no rancho principal da aldeia, onde se destacava o rádio transmissor que os índios trouxeram da fazenda saqueada. Kremuro, o chefe mais velho do temido grupo xinguanos, fez uma longa narrativa em sua língua, traduzida pelo índio Bedjai, contando as razões do ataque. Sem qualquer sinal de receio de uma represália ou punição, Kremuro contou que na terra onde a Agropexim está se instalando os índios vão buscar araras, de cujas penas fazem os cocares, e pau para arco. "Eles estão atrapalhando a gente de andar — traduziu o índio. Onde a gente vai tem carafá. Tem trator, tem estrada. Além do mais eu não gosto do trabalho do avião. Tem agora sempre avião aqui."

Krumari, outro chefe, irmão de criação de Kremuro, contou como ocorreu o ataque. Os empregados iniciaram a abertura de uma estrada de acesso à fazenda acima da cachoeira Von Martins e para este trabalho levaram um trator para o local. Os índios destruíram a máquina com suas bordunas deixando claro que não queriam a estrada.

"Aí — conta Krumari — os dois peões da fazenda ficaram bravos e falaram que índio era bicho porque tinha quebrado o trator da fazenda. Aí a gente achou melhor matar com borduna porque índio não é bicho não."

Na terça-feira, depois de ouvir os Txucarramãe, o sertanista Possuelo achou melhor convidar os dois chefes para discutir o assunto em Brasília. Antes, porém, acompa-

nhado de Kremuro e Krumari, fez uma caminhada de sete quilômetros do rio Xingu até a sede da fazenda destruída. Depois do percurso dentro da mata fechada, pois a estrada só tinha sido aberta da BR-080 até a margem direita do rio Xingu, o sertanista chegou à fazenda, que está inteiramente destruída.

Da casa principal, toda de madeira, sobrou de pé apenas uma geladeira de querosene. O que o fogo não queimou e os índios não puderam levar para a aldeia — roupas e objetos pessoais dos empregados — foi destruído com as bordunas, como a caixa d'água. As bordunas (paus resistentes com mais de um metro de comprimento) foram abandonadas em frente da casa principal. Segundo explicou Sidney Possuelo, os índios sempre abandonam suas bordunas depois de um ataque.

Sentados displicentemente em cima de um monte de arame, Kremuro e Krumari pouco falaram durante a inspeção feita pelo sertanista. Ao lado da casa queimada, os índios enterraram os corpos dos dois peões. O campo de pouso, na frente da sede, foi interditado. Os índios cavaram uma valeta cortando o campo de lado a lado, espalhando ainda troncos de árvores em toda a sua extensão para impedir a descida dos aviões que abastecem a fazenda.

Embora a missão que tinha recebido de Brasília era de, depois de conversar com os índios, desinterditar o campo de pouso, Sidney Possuelo preferiu adiar esta medida, deixando primeiro que eles viessem a Brasília. "Acho que podemos chegar a um bom entendimento com os índios nessa questão — disse ele — liberando logo a fazenda para a continuação de sua implantação, mas é preciso uma longa conversa. O ataque dos txucarramãe pegou totalmente de surpresa os proprietários da Agropexim S/A, segundo disse seu gerente, João Ribeiro. Há dez anos a fazenda começou a ser ativada, mas de forma muito lenta. Seus antigos proprietários fizeram poucos desmatamentos e só a partir de 75, quando Ramaz Risk comprou a propriedade, pensou-se na implantação de um grande projeto na área de 40.000 hectares, dos quais só 1.000 foram desmatados até agora. Desde o início de sua instalação os índios visitavam a fazenda, à procura de presentes e até hoje não haviam demonstrado qualquer comportamento hostil nessas visitas. No entanto, no ano passado, Kremuro e Tamuk, outro líder Txucarramãe, estiveram em Brasília e, junto a Funai, denunciaram que os fazendeiros estavam abrindo uma estrada na terra deles, ameaçando matá-los se ela continuasse sendo construída.

O assunto foi esquecido até o início do ano, quando ocorreu o ataque. Para a sua concretização, os índios, ao que tudo indica, saíram da aldeia dispostos a guerrear com o branco. Pintados de preto, como sempre fazem em missões guerreiras, dez índios, ao todo, destruíram o trator e mataram os dois peões, saqueando e queimando, em seguida, a fazenda.



Kremuro e o que restou da fazenda incendiada: uma geladeira a querosene



Krumari, o outro chefe, fará em Brasília um relato sobre a invasão

Um problema para a Funai

Com esta incursão imprevisível dos txucarramãe do rio Jarina, a Funai está enfrentando agora uma delicada situação. A fazenda Agropexim está, decididamente, localizada fora dos limites do Parque Nacional do Xingu, abaixo da cachoeira Von Martius. Antes da entrada BR-080, Brasília — Manaus, cortar o parque em sua parte norte, a reserva indígena se estendia até a cachoeira. Com a construção da estrada, que causou vários protestos em todo o mundo por atravessar uma área indígena, o presidente Médici decidiu desmembrar esta área Norte, compensando o Xingu com terras ao Sul. Com isso, ficaram oficialmente fora do parque os índios Txucarramãe do

rio Jarina, afluente do Xingu. Inicialmente, tentou-se levar esses índios para o interior do Parque, onde vive uma outra facção do grupo, liderada pelo chefe Rauni. Ocorre que os txucarramãe alimentam fortes rixas intertribais. A tentativa de transferência do grupo, efetivada em fins de 1972, fracassou, e aos poucos os índios foram retornando ao Jarina. "O parque é muito ruim — diz Krumari. Tem pouca comida, pouca caça. No Jarina, tem roça grande, mandioca, milho, muito peixe e muita anta".

A firme decisão dos txucarramãe criou uma situação difícil para a Funai que optou por criar uma área para os txucarramãe no próprio Jarina. Esta reserva, no entanto, não foi até hoje demarcada dando origem aos atritos com a fazenda.

Os índios afirmam que suas terras vão do rio Jarina até a segunda cachoeira, localizada 20 quilômetros após a Von Martius. A Agropexim está localizada exatamente entre estas duas cachoeiras. A fazenda foi adquirida com autorização da Funai, e agora seus proprietários querem a liberação imediata da área, pois eles conseguiram, só para este ano, uma liberação de 3 milhões de cruzeiros da Sudam para a implantação do projeto, orçado em torno de 85 milhões de cruzeiros.

No caso de atritos entre fazendeiros, índios e a Funai, as situações vêm sendo caracterizadas, até agora, pela invasão das áreas indígenas por parte dos empresários. No caso específico da Agropexim, a situação a ser examinada é diferente. Embora os txucarramãe reivindiquem as terras da fazenda, a Constituição estabelece que "área indígena" é toda a terra habitada por grupos indígenas, a agropecuária tem todo o amparo legal.

Na conversa que terá amanhã com os índios, a Funai tentará convencê-los de que não podem exigir as terras localizadas abaixo da cachoeira, procurando discutir também a liberação do campo de pouso. Os índios Kremuro e Krumari, no entanto, ao chegarem sexta-

feira a Brasília, não tinham qualquer idéia de que deveriam manter esta exaustiva conversa com os técnicos da Funai, e perguntavam apenas se eles iam poder assistir aos festejos de carnaval. Krumari disse que já presenciou um carnaval em Goiânia e gostou muito, enquanto Kremuro mostrou-se mais preocupado em operar o lábio inferior, abdicando de vez do botoque, um pedaço de madeira redondo que alguns grupos indígenas usam, o que lhes obriga a fazer uma profunda incisão entre o queixo e o lábio, onde é fixado o botoque, derivando daí o nome de "botoquados".

Enquanto isso, por parte dos sertanistas, persiste uma grande preocupação. No caso da Agropexim, seus proprietários decidiram resolver seus problemas com os índios através da Funai, mas em várias áreas da Amazônia, há um consenso, por parte dos proprietários, de que é melhor enfrentá-los com as armas.

O próprio caso da Agropexim é visto por alguns proprietários de terras na área, como de fácil solução: reunir vinte capangas e dizimar a temida aldeia, hoje reduzida a pouco mais de 80 pessoas, das quais apenas 23 homens estão preparados para enfrentar o ataque dos brancos.